

AGONIA DE EROS

Resenha de: HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Tradução de Ênio Paulo Giachini, 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, 93p.

Bruno Cesar Costa Ribeiro Mira¹

Em *Agonia do Eros*, o filósofo sul coreano, Byung Chul-Han, autor dos ensaios: *sociedade do cansaço, sociedade da transparência, topologia da violência, no enxame*, busca analisar as relações afetivas na contemporaneidade. A erotização desfalece frente ao igual, sendo que Eros procura aquele que difere do que somos, porém na atualidade, afirma o autor, o diferente perde para o inferno do igual. Para explicar sua tese o autor faz sua análise no rastro de pensadores como: Michel Foucault, Jean Baudrillard, Emmanuel Levinas, George Bataille, Maurice Blanchot, dentre outros. *Melancolia* é o primeiro capítulo da obra, no qual o autor começa dissertando sobre a questão do inferno do igual. Segundo Han, estamos perdendo a capacidade de desejar o outro enquanto diferente para isso o autor recorre a Grécia antiga quando cita Sócrates, que nomeia o amante como *atopos* que significa “aquele sem lugar”, ou seja, o outro que possuindo suas idiossincrasias nos incita a experimentação daquilo que difere do que somos.

Eliminamos o outro como diferente em troca do consumo do igual, reduzimos a negatividade como algo a ser evitado, perecemos frente as diferentes positavações marcadas pelo “faça você mesmo” ou “sim, você consegue”. Mas diante dessas frases de efeito se esconde outras características marcantes da subjetividade contemporânea. A antropóloga Paula Sibila, analisa esse efeito de exposição do Eu, mas diferente de Han, que expõe as chagas desta busca desenfreada por si mesmo no outro. A autora contrasta com o autor quando diz [...] “tanto o *eu* como seus enunciados são heterogêneos: para além de qualquer ilusão de identidade, eles sempre estarão habitados pela alteridade” (SIBILA, 2016, p.58) Essa alteridade que a autora expõe se desmancha quando o outro existe como diferença. O *eu* não aceita a subjetividade daquele que é diferente, apenas o aceita como tal, quando projetamos parte de nós mesmo no outro. O autor termina fazendo um paralelo entre *Eros* e *atopos* usando como referência o filme de 2011 *Melancolia* do diretor Lars Von Trier.

¹ Graduado em Ciências Sociais pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) campus Uberaba-MG e também é graduado em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava (FFCL) e possui Pós-Graduação lato sensu em: Formação de Professores para a Educação de Jovens e Adultos – PROEJA (IFTM) campus Uberaba-MG. Atualmente é Mestrando em Educação na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) Campus Uberaba-MG. e-mail: brunomira3@hotmail.com

Han, inicia o capítulo *não-poder-poder*, contrastando dois modelos regulatórios da subjetividade. O primeiro seria a lógica disciplinar descrita por Michel Foucault, em que o cerne das relações se assentava sobre os ditames do dever. Nesta racionalidade o poder almejava os sujeitos tendo como cerne suas ações em critérios estabelecidos em cada situação. Entretanto, hodiernamente existe outro modelo, que segundo o autor regula a conduta a partir de sua própria liberdade, fazendo dessa última a principal força de atuação para o sujeito se autogovernar. O indivíduo do desempenho é livre para se autogerir enquanto empresa, segundo os ditames do modelo neoliberal, em que a auto coerção seria mais produtiva que a regulação disciplinar.

No mesmo capítulo ainda é discutido a relação de *Erns* e sua inferência com a lógica do poder. Quanto maior o possuir, reconhecer e aprender, maior é a destituição do outro enquanto alteridade, visto que ambos são sinônimos de poder (HAN, 2017). “O amor se positiva em sexualidade, a qual está também submissa à ditadura do desempenho. Sexo é desempenho”. (HAN, 2017, p.26). Podemos fazer uma interseção dos dizeres de Han, com o sociólogo Zygmunt Bauman (2004) quando afirma que na atual cultura consumista, o prazer imediato e passageiro regulam as relações amorosas como mercadoria, assim como: [...] se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo” (BAUMAN, 2008, p.19)

No capítulo *mero viver*, o autor começa fazendo um paralelo entre o amor na antiguidade Grega/romana, considerado algo que despojava a pessoa de si mesmo; e o amor na contemporaneidade, que se tornou algo livre de qualquer negatividade, e de como isso se transformou em algo consumível. Han, ainda relaciona a questão da negatividade e o temor da morte usando a analogia Hegeliana do senhor e do escravo. O escravo seria aquele sujeito que teme a morte e com isso se curva frente ao senhor e se contenta com o mero viver. O senhor por sua vez, não possui o medo da morte e aceita a negatividade e o temor da morte. Diferente de outras interpretações a questão do absoluto em Hegel não se compraz a totalidade de um estado. Segundo Han, este absoluto seria a expressão máxima do amor que reconhece a negatividade do outro e o aceita em sua totalidade. “O amor é uma conclusão absoluta. É absoluto porque pressupõe a morte, a entrega de si mesmo” (HAN, 2017, p.47). O mero viver do sujeito do desempenho teme a morte, como também o fechamento de qualquer relação necessária para a entrega no outro. O sujeito do desempenho sobrevive ao mero viver de maneira descontínua sem qualquer tipo de conclusão. Essa dificuldade em concluir algo é inerente a lógica do modelo neoliberal, onde o sujeito administra sua subjetividade conforme o modelo empresa, investindo suas energias sempre em algo novo (DELEUZE, 2008) e tendo como resultado o esgotamento de suas forças, tornando-se assim, o senhor e escravo de si.

Já no quarto capítulo *pornografia*, o mero viver do sujeito do desempenho perdura com a exposição sexual por meio da pornografia. Eros não resiste a o pornográfico, que está além das características que envolvem a sexualidade, para isso o pensador faz um paralelo da “pornografização” com o conceito de *profanação* de Giorgio Aganbem, que estaria ligado a secularização do mundo. A profanação do Eros frente ao capitalismo é reduzida a função de mercadoria, ao passo que, a sexualidade, o rosto, e a sedução erótica, são dessacralizados, não existindo qualquer ritual de conquista. Ou nos dizes do filósofo Paul Preciato (2018, p. 281-282) “a pornografia é a sexualidade transformada, em informação digital. É a sexualidade transformada em representação pública, em que publica implica direta ou indiretamente tornar-se comercializável”. Em suma, a via de sustentação da imagem erótica, foi esvaziada pela pornografização, e com isso destituímos qualquer via de erotização do outro.

Existe fantasia em um mundo onde tudo é transparente? Existe ainda, a possibilidade de almejar o outro pelo meio imaginativo, antes de ter inúmeras informações e detalhes que o mesmo expõe através dos meios digitais? Essas são algumas questões levantadas no quinto capítulo *fantasia*. O autor começa citando a socióloga Eva Illouz que defende que a internet possibilita ao sujeito contemporâneo ter acesso a detalhes compartilhados em redes sociais, com isso, continua a socióloga, elencar os elementos imaginativos idealizados sobre o outro fica interdito pelos detalhes que vão desde roupas, culinária, até as minúcias da vida íntima. Han se contrapõe a autora, quando diz que a mesma não menciona a questão entre fantasia e expectativa. A fantasia segundo Han, é despojada pelo excesso de positividade causados pela *hipervisibilidade*, ou seja, pelo excesso de transparência dos meios digitais. Dando ênfase as palavras de George Batallie (2017, p.55), “O erotismo, já o disse, é a meus olhos o desequilíbrio em que o próprio se perde em questão conscientemente. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas então o sujeito se identifica com o objeto que se perde [...]. (p.55). Mas com a pornografização as forças imaginativas são destituídas da entrega que o erotismo necessita, e com isso temos a via pornográfica, solapando a transgressão do erotismo, enquanto força imaginativa, manifestação erótica.

Em *política do Eros*, o filósofo expõe que Eros na filosofia de Platão é a força que tem poder sobre as demais partes da alma, tais como: cupidez (*epithymia*), coragem (*thymos*) e razão (*logos*). Mas na contemporaneidade falta a coragem (*thymos*) para que aconteçam as mudanças frente ao habitual, que tanto o amor quanto a política exigem. Com as políticas neoliberais em que a sociedade é despoltizada, Eros é substituído pela sexualidade, como meio comum para se manter o mesmo. (HAN, 2017). O amor seria a rompimento com o habitual, é deixar-se levar

pela negatividade do outro aceitando a mudança. “O amor [...] é aquele que tem força para criar exceções e não se mantém sem a renovação disso” (DUNKER, 2017, p.110) e com esse caráter de renovação e transfiguração do habitual que faz a possibilidade de Eros e a política, criarem um novo modo de ser, e estar no mundo.

No último capítulo, Han propõe rever o estatuto do conhecimento frente aos disseminados dados informacionais no mundo de hoje. Para tanto, o autor inicia sua argumentação expondo que os dados gerados pelas inúmeras plataformas tecnológicas, possuem apenas um caráter expositivo da realidade sem nada modificá-la. E com isso as teorias, deixam de ter seu caráter explicativo da realidade, pois os dados deixam os usuários viabilizarem suas opiniões a partir de si mesmo, de maneira aditiva, sem respostas críveis para questões pertinentes a realidade. A massa de dados possui um caráter informacional aditiva e deformativo, e por isso a necessidade de teorias que coadunem com o processo informacional como observa Han:

Em virtude da crescente massa de informações e dados, hoje as teorias são mais necessárias do que antigamente. Elas impedem que as coisas se misturem e proliferem. Elas reduzem a entropia. A teoria clareia o mundo antes de esclarecê-lo. Temos de pensar a origem comum de teorias e cerimônias ou rituais comuns de teorias e cerimônias ou rituais. Elas colocam o mundo em forma. Forma o curso das coisas e lhe dão enquadramento a fim de que elas não extrapolem as fronteiras. A massa de informação de hoje, ao contrário, atua de modo *deformativo*. (HAN, 2017, p.88)

Podemos concluir que a obra *agonia do Eros* discerne sobre o vazio do mundo contemporâneo. Mesmo tendo acesso a informações inseridos com o manancial de informações e intempéries que o sujeito tem dificuldades em discernir aquilo que o mercado expõem, como sendo o modelo subjetivo de adequação ao que está exposto através das diferentes mídia digitais propagando informações, contrastando com mundo um que cada vez mais se dispersa em silêncio em detrimento da reflexão teórica para compreender as nuances que perpassam e conduzem hodiernamente as situações ao qual estamos inserido.

REFERÊNCIAS:

- BATAILLE, George. **Erotismo**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BAUMAN, Zygmund. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmund. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 2008.

DUNNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano.** São Paulo: Ubu editora, 2017.

PRECIATO, Paul B. **Texto junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

SIBILIA, Paulo. **O show do Eu – a intimidade como espetáculo.** 2.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.